

Os anarquistas com John Henry Mackay

John Henry Mackay é razoavelmente conhecido entre anarquistas, não só por ter recuperado a obra censurada e até então esquecida de Max Stirner, *O eu e a sua propriedade*. Poeta e ensaísta, ele era filho de uma alemã com um escocês. Após a morte do pai, viveu na Alemanha, e manteve fortes vínculos com Benjamin Tucker e o anarquismo individualista procedente de Proudhon. Entre nós, a revista *Verve* publicou, em seus números 10 e 11 de 2007¹, o capítulo sobre o livro de Stirner que se encontra em *Max Stirner – his life and his work*.

Com o pseudônimo de Sagitta, Mackay também publicou poesias homossexuais em *Die Buecher der namelosen Liebe (Livros do Amor sem Nome)* e *Der Puppenjunge (O Prostituto)*. Influenciou Richard Strauss² e Rudolph Steiner, e esteve adiante nas práticas de liberações propícias na Berlim da época até vir a ser perseguido pelo nazismo, que o forçou a deixar a cidade para se instalar em Stahnsdorf, onde faleceu dias mais tarde, em 1933³.

Foi um adversário do anarco-comunismo pretendendo instigar conversações em torno do anarquismo individualista e egoísta no sentido de Stirner. Rudolph Rocker salientou que foi lendo Mackay e suas

¹ Disponíveis em: <http://www.nu-sol.org/verve/pdf/Verve10.pdf> e <http://www.nu-sol.org/verve/pdf/Verve11.pdf>, respectivamente (consultados em 03/02/2016).

² In: <http://hubertkennedy.angelfire.com/Strauss.pdf>

³ Ver KENNEDY, Hubert (2002). *Anarchists of love. The secret life of John Henry Mackay*. San Francisco: Peremptory Publications, p. 22. Para demais estudos pormenorizados e obra de Mackay, ver <http://hubertkennedy.angelfire.com/>

descrições sobre a miséria em East End que decidiu partir para Londres, onde conheceu, na comunidade judaica, Milly Witkop, sua futura companheira com a qual seguiu para os EUA. Lá, foram notificados que seriam aceitos somente se casados legalmente. Recusaram-se e foram deportados, instalando-se em Liverpool. Para os anarquistas, o amor livre era uma atitude. Na *Encyclopédie Anarchiste*, coordenada por Sébastien Faure, Émile Armand sublinha que os anarquistas individualistas foram os primeiros a abolir a distinção de sexo e combater as patologias que situavam o homossexualismo como anormalidade biológica e criminal⁴. Diferentemente de Zoe D'Axa, fundador do *En Dehors*, em 1891, jornal retomado em 1922 por E. Armand, que defendia a propaganda pela ação e se dizia seguidor da filosofia de Max Stirner, Mackay caminhava em sentido contrário, como mostra seu livro de 1891, *The anarchists. A Picture of civilizations at the close of nineteenth century*.⁵ O subtítulo não poderia ser mais preciso. A seu modo, Mackay faz um balanço dos anarquismos nesse século e situa as possibilidades no início do século XX, que desafortunadamente permanecem até hoje.

É desse livro que escolhemos traduzir e publicar a sua introdução e o capítulo sobre a anarquia escritos por Mackay. Ao leitor convencional poderá soar estranho que Mackay fala da anarquia a partir de Corrad Auban e dos embates com Otto Trupp. No prefácio ao livro, de 1908⁶, Rudolph Rocker nos lembra que Wilhem Liebknecht, social-democrata alemão, em 1887, no Congresso de Saint Galen, classificou os anarquistas em três categorias: agentes policiais, loucos e criminosos. Porém, com

⁴ Disponível em: <http://www.encyclopedie-anarchiste.org/articles/i/inversionsexuelle> (consultado em 03/02/2016).

⁵ MACKAY, John Henry (1981). *The anarchists. A Picture of civilizations at the close of nineteenth century*. Tradução de George Schumm. Boston: Benjamin Tucker Publisher, 324 pp.

⁶ Prefácio de Rudolph Rocker ao livro de Mackay. Disponível em: <http://hubertkennedy.angelfire.com/Rocker-preface.pdf> (consultado em 02/03/2016).

o fim da “Lei socialista”, em 1891 aparecia finalmente livre a anarquia na Alemanha. E foi assim que o livro de Mackay, sob a forma de novela, contribuiu de modo decisivo para a sua difusão. Rocker destaca ser um livro de arte, mas com problemas na exposição da anarquia. De fato, Rocker se situava no outro ângulo menos individualista que o de Mackay e, por conseguinte, tece suas críticas. Importa sublinhar que cabe ao leitor atento dos anarquismos fazer as devidas considerações. Se Rocker foi um tanto reducionista em situar o livro como arte e obra de difusão, Mackay não poupou críticas ao que chamava de anarquismo comunista. Como se conhece muito, ou se diz conhecer, sobre anarco-coletivismo e anarco-comunismo, introduzir as considerações de Mackay ao leitor contemporâneo talvez possa situar melhor não haver uma fronteira tão rígida, como a dos Estados, entre os anarquismos.

Mackay expõe suas ideias a partir do debate entre Corrad Auben e Otto Trupp, sobre individualismo e comunismo na anarquia. O faz para ressaltar os aspectos fantasiosos em Trupp, similares aos de Sergei Nietcháiév e os expostos no *Catecismo revolucionário* redigido com anuência de Bakunin⁷. E também leva o leitor a lugares conhecidos com novo olhar e a pessoas reais, que não se submetem a ficções como companheirismo fiel, a práticas contraditórias como o sectarismo, à dedicação ao sacrifício e que consideram tudo o que não for *tradição anarquista*, como anarquismo individualista sendo a outra face do liberalismo. Mackay, como Stirner, está do lado das práticas libertárias no dia-a-dia, contra a propriedade (privada, coletiva ou estatal), seus respectivos direitos e condutores de consciência.

Edson Passetti

⁷ NIETCHÁIEV, Sergei (2007). “O catecismo revolucionário”. In: *Verve* n. 11, pp. 78-94. Disponível em: <http://www.nu-sol.org/verve/pdf/Verve11.pdf> (consultado em 03/02/2016).

INTRODUÇÃO

A obra de arte deve falar pelo artista que a criou; o trabalho do estudante reflexivo que dela se afasta, permite-lhe dizer o que o impeliu a dar à obra sua voz.

O assunto do trabalho recém-terminado requer que eu o complemente com algumas palavras.

Antes de tudo, isso: deixemos aquele que não me conhece e que poderia, talvez, nas próximas páginas, procurar por revelações sensacionais como aquelas vistas nas especulações ardilosas lançadas sobre a ingenuidade do público – e das quais derivam o único conhecimento que têm sobre o movimento Anarquista –, não precisar dar-se ao trabalho de ler além da primeira página.

Em nenhum outro campo da vida social existe uma confusão mais lamentável, uma superficialidade mais ingênua, uma ignorância mais impressionante do que neste do Anarquismo. A própria enunciação da palavra é como o florescer de um trapo vermelho; numa ira cega, a maioria se lança contra ela, sem dar-se tempo para fazer exames e considerações ponderadas. Eles irão despedaçar em farrapos esse trabalho, sem o terem entendido. A mim, seus golpes não atingirão.

Londres e os eventos do outono de 1887 serviram de plano de fundo para o que retrato.

Quando, no começo do ano seguinte, eu retornei à cena por algumas semanas, especialmente para completar meus estudos sobre a East End, não imaginava que a seção que eu tinha selecionado para uma descrição mais detalhada, logo após isso, estaria na boca de todo mundo em decorrência dos assassinatos de “Jack, o Estripador”.

Não terminei o capítulo sobre Chicago sem antes examinar o grande

livro de fotos para crianças mais velhas, por meio do qual o capitão de polícia, Michael Schaack, tentou justificar o infame assassinato cometido pelo seu governo: “Anarquia e Anarquistas” (Chicago, 1889). Não é nada mais do que um documento sem importância, de uma brutalidade estúpida e de uma vaidade excessiva.

Omiti deliberadamente – e em todos os casos – os nomes das pessoas vivas. No entanto, os iniciados irão, quase sempre, reconhecer sem dificuldades as características que me serviram de modelos.

Um espaço de três anos decorreu entre a escrita do primeiro capítulo e do último. Cada nova dúvida levantada me levou a, repetida e frequentemente por um longo período, interromper o trabalho. Talvez eu tenha começado muito cedo, mas eu não terminei tarde demais.

Não pude tratar exaustivamente de todas as fases da questão; na maior parte, não pude oferecer mais do que as conclusões de cadeias de raciocínio, em geral, bastante longas. A completa incompatibilidade do Weltanschauung Anárquico e do Comunista⁸, a inutilidade e a nocividade de se recorrer a táticas violentas, assim como a impossibilidade de qualquer “solução da questão social”, ou seja lá o que for, pelo Estado, pelo menos isso são questões que espero ter demonstrado.

O século XIX deu à luz à Ideia da Anarquia. Na década de quarenta, a linha de fronteira entre o velho mundo da escravidão e o novo mundo da liberdade foi traçada. Pois foi nesta década que P. J. Proudhon começou o trabalho de titã de sua vida, *Qu'est-ce que la propriété?* [*O que é a propriedade?*] (1840), e que Max Stirner escreveu seu trabalho imortal, *Der Einzige und sein Eigentum* [*O único e sua propriedade*] (1845).

⁸ Conceito da filosofia cognitiva alemã. Refere-se a uma concepção geral do mundo (N.T.).

Era possível que essa ideia fosse enterrada sob a poeira de uma recaída temporária da civilização. Mas ela é imperecível.

E agora está novamente desperta.

Por mais de sete anos, meu amigo Benjamin R. Tucker, de Boston, tem batalhado pela Anarquia no Novo Mundo com sua invencível arma, *Liberty*. Frequentemente, nas horas solitárias de minhas lutas, tenho olhado fixamente para a luz brilhante que, a partir daí, começa a iluminar a noite.

Quando, há três anos, ofereci os poemas do meu *Sturm* ao público, fui saudado por vozes amigáveis como o “primeiro cantor da Anarquia”.

Orgulho-me desse título.

Todavia, me convenci de que o que é preciso hoje não é tanto incitar o entusiasmo pela liberdade, mas, em vez disso, convencer as pessoas da absoluta necessidade de independência econômica, sem a qual a liberdade permanecerá eternamente como o sonho insubstancial dos visionários.

Nestes dias de reação crescente, que irão culminar na vitória do Estado Socialista, esse chamado fez imperativo que apresentasse aqui o primeiro campeão da ideia Anárquica. Espero que eu ainda não tenha quebrado minha última lança para a liberdade.

JOHN HENRY MACKAY.

Roma, na primavera de 1891.

CAPÍTULO X ANARQUIA

Semana passada.

O “domingo sangrento” na Trafalgar Square não empolga mais as pessoas em discussões apaixonadas. No domingo seguinte, uma comitiva de voluntários patrióticos veio para oferecer suporte à polícia, mas, depois de ficarem por algumas horas na praça, expostos ao desprezo e às ridicularizações da multidão curiosa, voltaram para casa, encharcados pela chuva, e sem terem promovido seus clubes recém-reformados.

Depois do grande espetáculo, a comédia da auto-humilhação voluntária; depois do “domingo sangrento”, o “objeto do ridículo”!...

A praça ficou e permaneceu vazia.

A questão dos “desempregados”, obviamente, não foi resolvida, mas empurrada para segundo plano, e não mais gritaram por uma resposta nos tons estridentes da fome.

Em Chicago, os cadáveres dos homens assassinados foram seguidos até suas covas por uma inigualável efusão popular. Parecia o desejo por reparar um erro.

O momento dos grandes acontecimentos passou. Tudo voltou ao seu curso usual.

Os dias nasceram mais frios e desanimados conforme o mês se aproximava de seu fim.

Auban⁹ não viu mais Trupp¹⁰, ou qualquer um de seus outros amigos. Apenas Dr. Hurt, ocasionalmente, o procurou para “aquecer seus pés” e fumar cachimbo. Eles se aproximaram espiritualmente cada vez mais, e se entenderam cada vez melhor.

Os encontros entre amigos nas tardes de domingo pareciam não

⁹ Carrad Auban, revolucionário francês que se tornou um anarquista individualista.

¹⁰ Erich Otto Rinke, o Big Otto, um anarquista alemão.

apenas interrompidos, mas suspensos por completo. Nem mesmo Auban pensou em revivê-los. Ele estava convencido de sua inutilidade.

E também da dos clubes. Ele não participou mais deles desde a noite em que conversou com Trupp. E a maior mudança em sua vida: ele também desistiu de suas caminhadas pelos bairros da fome.

Ele tinha muito o que fazer. Começou o trabalho de sua vida, que, comparado a tudo que ele havia feito anteriormente, era apenas preparação.

Para ele, naquele momento, tinha conquistado uma pequena vitória.

A administração da coleção francesa, a qual ele tinha sido chamado para cuidar havia três anos, em Londres, passou gradualmente às suas mãos. Graças a sua consciência, circunspecção e independência, a iniciativa, que agora se aproximava de sua consumação, foi um brilhante sucesso. Apesar de ter se tornado indispensável para a editora, uma das maiores da Inglaterra, eles falharam em recompensá-lo adequadamente por seus serviços, e apenas aumentaram superficialmente seu salário.

Ele esperou bastante pelo cumprimento voluntário desse reconhecimento. Ele esperou enquanto segurava todos os trunfos em suas mãos. Então, um dia, ele os mostrou, entregue à sua demissão, para entrar em vigor no final do ano.

Seguiu-se uma longa entrevista com dois membros da editora. No auge de sua indignação moral com a quebra do contrato – que não tinha sido celebrado por Auban, mas por eles, alegadamente em “boa fé” –, Auban implorou que deixassem de lado todo o sentimentalismo nas transações comerciais. Então, Auban demonstrou graficamente a eles que o único serviço que eles ofertaram com a publicação da obra consistiu em engordar o capital, e que aquele serviço tinha sido tão rentável a ponto de lhes dar quatro quintos do produto de seu trabalho.

Então, quando ele pediu para permanecer por mais três meses, até a conclusão preliminar de seu trabalho, fez sua demanda: primeiro, seu salário mensal seria triplicado.

“Eles nunca pagaram um salário desses para qualquer um de seus funcionários”

“Nunca, certamente, nenhum de seus funcionários ofereceu a eles tais serviços”

Além disso – e esse foi o movimento principal de Auban, pelo qual ele esperava, em algum grau pelo menos, assegurar seu futuro –, exigiu uma parte do lucro de cada edição feita por ele.

“Alguma vez uma exigência desse tipo foi feita?”

“Isso era imaterial para ele. Estava no poder deles aceitar ou rejeitar isso.”

Eles fizeram o primeiro.

Finalmente, a terceira exigência de Auban: uma compensação, na proporção do sucesso de seu trabalho, pelos serviços até então prestados, paga de uma só vez.

“Isso parece uma chantagem abominável.”

“Eles podem chamar isso como quiserem. Ele aprendeu com eles. Eles estão surpresos? Eles também não reduziram os salários de seus trabalhadores o máximo possível? Ele resistiria, por sua vez, forçando-os a fazer o que queria.”

Quando ele foi embora, os sócios rangeram os dentes. Mas, como sagazes homens de negócios, eles, tacitamente, admitiram que nunca respeitaram Auban mais do que naquele momento...

Auban submeteu o contrato, que ambas as partes compuseram, a um dos melhores advogados, para exame e aprovação, antes que ele assinasse e se comprometesse por mais três meses.

Então Auban foi livre por um tempo; ele nunca tinha sentido tão claramente quão necessária era a independência financeira para o que ele agora desejava fazer...

Mais três meses e ele poderia voltar a Paris. A Paris! Seu coração batia mais rápido ao pensar isso.

Ele amava e admirava Londres, aquela maravilhosa e imensa Londres, e ele amava Paris. Mas ele a amava diferentemente...

Londres começou a pesar sobre ele com seu eterno céu cinzento, sua névoa pálida, sua escuridão sombria.

Um sol nascia. E aquele sol era Paris. Logo ele poderia se aquecer novamente em seus raios, que eram tão quentes, tão animadores, tão belos! ...

As pilhas de papéis e panfletos sobre Chicago desapareceram da escrivaninha de Auban. Foram cobertos por novos trabalhos, com os quais ele preenchia suas poucas horas livres.

Ele estava certo sobre o que queria.

Ele aguentou sozinho: nenhum de seus numerosos amigos o acompanhou nos últimos anos; nenhum deles estava apto a esboçar suas últimas conclusões.

Assim, ele teve que deixá-los para trás – ele que inquietamente avançou rumo à liberdade.

Mas Auban formou novas conexões e, de tempos em tempos, lança seu olhar sobre a América, onde cresce uma pequena, mas firme e certa companhia de homens excelentes que já estão comprometidos, há anos, nessa tarefa que o Velho Mundo sequer começou.

Era urgente começá-la aqui também.

Duas circunstâncias agravaram as dificuldades no caminho da propagação da ideia da Anarquia na Europa:

Ou as pessoas consideram todo Anarquista como um terrorista; ou, caso tenham dado uma olhada na filosofia do novo partido, como um Comunista.

Enquanto, na América, alguns raios de luz já começaram a entrar nos olhos estúpidos do preconceito e das ideias pré-concebidas, tudo continua velado na Europa.

Era necessário, acima de tudo, examinar novamente, entender e explicar o mal compreendido significado dessa palavra.

Aqueles que aceitam tudo o que lhes é oferecido, que veem na Anarquia apenas o caos e, no anarquista, apenas o revolucionário violento, a eles deveria ser ensinado que Anarquia é, ao contrário, a meta do desenvolvimento humano e que designou a condição social em que a liberdade do indivíduo e seu trabalho constituem a garantia de seu bem-estar e, da mesma forma, do da humanidade.

E àqueles que acertadamente não acreditam no ideal de liberdade do Comunismo fraternal, tinha que ser mostrado que a Anarquia, longe de ver a liberdade no Comunismo e no sacrifício, procura realizá-la pela remoção das forçadas obstruções definitivas e das barreiras artificiais. Então, depois desse primeiro trabalho preliminar, bruto e ingrato, ser realizado, e depois que a percepção de que a Anarquia não é um paraíso na Terra e de que os homens precisam apenas entender sua verdadeira natureza e suas necessidades, e não para “fundamentalmente mudá-las” a fim de fazer a liberdade possível; depois que essa percepção estivesse sedimentada, ainda que no início entre poucos, a próxima tarefa consistiria em designar a instituição do Estado como o maior e único obstáculo no caminho da civilização humana.

Foi necessário mostrar: que o Estado é uma força privilegiada, e que é a força o que o sustenta; que é o Estado que transforma a harmonia da natureza em uma confusão de forças; que é o seu crime que cria os crimes; que ele concede privilégios antinaturais aqui, enquanto nega direitos naturais ali; que ele paralisa a competição evolutiva das forças em todos os domínios, sufoca negócios e, assim, mina o bem-estar de todo o povo; que ele representa mediocridade em todas as coisas, e que tudo que ele se compromete em fazer poderia ser feito, de longe, muito melhor, mais satisfatória e mais lucrativamente sem ele, caso fossem deixados na livre competição dos homens; que uma nação é

mais rica e feliz o quanto menos for governada; que longe de constituir a expressão da vontade de todo o povo, o Estado é apenas a vontade daqueles que estão no seu comando, e que aqueles que estão na sua cabeça, na verdade, cuidam apenas de si mesmos e “dos seus”, mas nunca daqueles que são tolos o suficiente para neles confiar o seu cuidado; que o Estado só pode dar o que ele tira primeiro, porque ele é improdutivo, e que ele sempre devolve menos do que recebeu. Em resumo, seria necessário mostrar que ele não é nada mais do que um imenso, contínuo e vergonhoso truque, por meio do qual poucos vivem à custa de muitos, seja o seu nome qual for...

Assim, depois da fé no ídolo infalível Estado ter sido abalada, e, correspondentemente, do espírito de autoconfiança ter sido fortalecido, as leis que dominam a economia social tiveram que ser estudadas. A verdade teve que ser estabelecida: os interesses dos homens não são hostis uns aos outros, mas harmoniosos, desde que garantida a livre gestão para o seu desenvolvimento.

A liberdade de trabalho possibilitada pela queda do Estado, que não poderá mais monopolizar o dinheiro, o limite de crédito, reter o capital, obstruir a circulação de valores, em uma palavra, não poderá mais controlar os negócios dos indivíduos; quando isso se tornar um fato, o sol da Anarquia terá nascido.

As bênçãos da Anarquia seriam sentidas como calor após uma longa noite de frio e necessidades...

Mas nada deve ser prometido. Apenas aqueles que não sabem o que querem fazem promessas. Foi necessário convencer, não persuadir.

Isso exigiu talentos diferentes daqueles de línguas fluidas que persuadem as massas a agir contra sua vontade, em vez de deixar a escolha de suas decisões aos indivíduos e confiar na razão deles.

Todo o conhecimento deveria ser utilizado a fim de demonstrar a teoria do recém-despertado credo: história, a fim de evitar os erros do

passado no futuro; psicologia, a fim de entender como a alma é assunto para as condições prescritas pelo corpo; filosofia, a fim de mostrar como todo pensamento procede apenas a partir do indivíduo, para quem ele deve retornar...

Depois que tudo isso foi feito, a fim de demonstrar a liberdade do indivíduo como o ápice do desenvolvimento humano, restou uma tarefa.

Não apenas os fins e os meios tiveram que ser mostrados, também foram destacados os melhores e mais seguros modos pelos quais estes seriam alcançados. Ao considerar a autoridade como o maior inimigo, foi necessário destruí-la. De que jeito?

Isso também foi encontrado. Superior como o Estado era, com todos os seus aparelhos de poder e armado até os dentes, não se poderia ter ideia de como desafiá-lo para um combate. Este combate poderia ser decidido antes mesmo de ter começado. Não, aquele monstro que se alimenta e vive de nosso sangue teve que ficar faminto, uma vez negados os tributos que ele reivindicou como assunto de governo. Ele teve que morrer de exaustão e de fome, lentamente, para notar enfim. Ele continua tendo o poder e o prestígio para reivindicar seu espólio, ou para destruir aqueles que resistem. Mas, um dia, ele encontraria um certo número de homens, de cabeça fria, calmos, homens corajosos que, de braços cruzados, revidariam seu ataque com a questão: o que vocês querem de nós? Nós não queremos nada de vocês. Nós nos recusamos a obedecê-los. Deixem que aqueles que precisam de vocês se sustentem. Mas nos deixem em paz!

Naquele dia, a liberdade conquistaria sua primeira vitória, uma vitória sem derramamento de sangue, cuja glória viajaria pela Terra com a velocidade de uma tempestade e, em todos os lugares, bradaria em resposta a voz da razão.

O que mais foram as greves, perante as quais os exploradores tremeram, do que resistência passiva? Era impossível para os trabalhadores

conquistar vitórias por seus próprios meios? Vitórias pelas quais eles teriam esperado em vão se continuassem a acreditar no pérfido jogo de políticos escamoteadores!

Na história do século, até agora –à qual se recorreu apenas em casos individuais, aqui e ali, e apenas temporariamente, com o propósito de assegurar certas demandas políticas – a resistência passiva aplicada metodicamente contra o governo na forma de resistência aos impostos poderá, algum dia, constituir a baioneta pela qual o Estado sangrará até a morte.

Mas e até lá?

Até lá, será necessário observar e esperar. Não havia outra maneira pela qual se poderia atingir a meta, se não a da calma, do vigor, da iluminação precisa, e do exemplo individual, que algum dia poderia funcionar maravilhosamente.

Assim era o horizonte antes da obra de Auban, para a qual ele decidiu dedicar sua vida. Ele não superestimou sua força, mas acreditou nela. Ela o conduziu pelos erros de sua juventude. Logo, não poderia ser uma força qualquer.

Ele continuava sozinho. Logo ele teria amigos e camaradas. Um movimento Anarquista individualista já era perceptível entre os Comunistas de Paris.

O primeiro número de um novo periódico, fundado evidentemente com esquelidos meios, chegou a ele, dando provas brilhantes da inteligência prevalecente em certos círculos trabalhistas de seu país natal. O *Autonomie individuelle* se liberou do Comunismo, e era atacado, assim como antigamente, por sociais-democratas. Auban ficou absorto com a leitura de poucas páginas, imbuídas com um espírito livre que o encantava...

Uma batida na porta o interrompeu.

Uma carta lhe foi entregue. Pedia-lhe o favor de um encontro naquela mesma noite, e não trazia assinatura. De cara, Auban quis jogá-la de

lado. Mas, após uma segunda leitura, seu rosto assumiu uma expressão mais pensativa. Deve ter havido algo no estilo da carta que o fez mudar sua decisão. Ele olhou para o seu relógio e estudou o grande mapa de Londres pendurado na parede.

Pelo metrô¹¹, ele percorreu de Blackfriars a King's Cross, de King's Cross à London Bridge. Teve que mudar de vagão, e se atrasou. Mesmo assim, chegou à rua e à casa indicadas antes do horário definido. Quando ele bateu na porta, ela abriu de uma só vez.

Auban não precisou dizer seu nome, que lhe fora dito. Ele morreu em seus lábios numa exclamação involuntária de reconhecimento e susto quando viu o homem que lhe abriu a porta. Diante dele, estava o homem que tinha sido uma das mais temidas e celebradas personalidades do movimento revolucionário europeu, mas cujo nome, agora, era mencionado pela maioria apenas com ódio e desprezo. Auban esperava encontrar qualquer pessoa, mas não este homem, que o recebeu silenciosamente, e que agora o levava silenciosamente pelas escadas até um quarto pequeno e baixo.

Lá, perto da única janela, eles ficaram frente a frente, e o reconhecimento de Auban cedeu lugar a uma sensação de profunda agitação quando ele viu o que poucos anos, durante os quais ele não o havia visto, fizeram de seu antigo conhecido. Antes, sua figura era ereta e orgulhosa, agora, ele estava de pé diante dele como se cambaleasse sob o fardo de um destino terrível. Ainda não tinha trinta e cinco, seu cabelo era mais grisalho do que o de um homem de cinquenta; outrora, seu sorriso era tão confiante e atraente que ninguém podia resisti-lo. Hoje, era triste e doloroso. Assim sorriu quando notou quão pouco Auban conseguiu disfarçar seu susto e sua agitação diante da sua mudança de aparência.

Então, como se ele temesse que as paredes pudessem ouvi-lo, Auban

¹¹ O autor usa a expressão de época “underground railroad”, literalmente “ferrovia subterrânea”, para descrever o serviço de metrô. Em Londres, o metrô consagrou-se com o nome “underground” (N. T.).

o chamou pelo seu verdadeiro nome, aquele nome outrora tão popular, e agora quase esquecido.

“Sim, sou eu”, disse o outro, e o sorriso triste não desapareceu de seus lábios. “Você não teria me reconhecido, Auban?”

Auban se livrou de sua agitação com esforço.

“De onde você veio? Você não sabe.”

“Sim, eu sei. Eles estão nos meus calcanhares por todos os lugares, até aqui em Londres. Na França, eles me extraditariam, e na Alemanha, me enterrariam vivo se me pegassem. Aqui também não estou a salvo. Mas eu tive que vir para cá uma vez mais, antes de desaparecer para sempre. Você sabe o porquê?”

Certamente Auban sabia. Sobre este homem colocava-se a terrível suspeita de ter traído um camarada. Quanto ou quão pouca verdade havia nessa suspeita, Auban não podia determinar. Ela foi defendida, inicialmente, por sociais-democratas. Mas tantas mentiras intencionais sobre os Comunistas originaram dessa fonte que essa também poderia ser uma calúnia. Então, ela foi repetida por uma facção hostil em seu próprio campo. O acusado agora respondeu. Mas se ele não queria ou não podia e, em suma, apesar de muitas palavras, a questão nunca foi esclarecida. Mas era completamente impossível de fazê-lo em público; muitas coisas tinham que ser suprimidas para que os inimigos não ouvissem; muitos nomes tinham que continuar não-mencionados; muitas relações que deveriam ser cuidadosamente discutidas, tinham que ser deixadas intocadas para permitir ao acusado a esperança de, um dia novamente, reabilitar-se perante os olhos de todos.

Tal era o curso da escravidão com a qual uma falsa política sujeitava um ao outro que ninguém podia se mover como gostava.

Embora ele tenha sido atacado por todos os lados, poderia ter continuado seu trabalho entre o antigo círculo de camaradas se não tivesse se tornado hesitante. Então, um dia, deixou tudo para trás e

desapareceu. Seu nome foi esquecido, o que ele fez foi esquecido; depois de sua grande influência, que foi fascinante onde pôde ser sentida, tudo isso desapareceu com ele.

Auban sabia disso e, por isso, disse:

“Sua viagem foi inútil?”

“Sim”, foi a resposta, e sua voz estava tão sombria quanto seus olhos, “foi inútil.”

Completamente arruinado, ele abaixou a cabeça enquanto continuava, em voz baixa, como se estivesse envergonhado tanto pelo seu retorno quanto pela sua covardia:

“Eu não podia mais aguentar. Fiquei sozinho por dois anos. Então eu decidi voltar e tentar, pela última vez, me justificar. Eles não acreditavam em mim. Ninguém acredita em mim...”

“Então, acredite em si mesmo!”, disse Auban, firme.

“Hoje eu pensei em você. Eles falaram de você para mim. Eles te criticaram por levar as coisas do seu próprio jeito. E, de fato, você foi o único que preservou a liberdade nessa confusão. Te agradeço por ter vindo.”

Ele parecia exausto, como se aquelas poucas palavras o tivessem cansado. Há três anos ele fora um brilhante orador, que poderia falar por três horas sem demonstrar um sinal de fadiga.

Auban estava profundamente agitado. Ele teria dito, alegremente, que acreditava nele. Mas como ele poderia dizê-lo sem ser desonesto? Todo o caso se manteve quase desconhecido para ele, por mais que tivesse escutado sobre isso. O outro parecia sentir. “Eu deveria ter te contado toda a história para te possibilitar emitir um juízo. Mas isso requereria horas, e talvez, fosse inútil mesmo assim. Somente nisso você deve acreditar: eu cometi um erro, mas sou inocente do crime pelo qual sou acusado. Além disso, eu negligenciei fazer muitas coisas em minha defesa que deveria ter feito imediatamente. Agora é tarde demais.”

Ele olhou para o relógio.

“É, requereria horas, e eu não tenho nem meia hora para dispensar. Eu irei embora hoje.”

“Para onde?”, perguntou Auban.

“Primeiro, para Thames, de barco. E depois” – com um sorriso triste ele fez um movimento com as mãos no ar – “e depois, mais longe – qualquer lugar..”

Ele pegou uma pequena mala de viagem que estava arrumada ao seu lado.

“Eu não tenho nada o que fazer aqui, deixe-me ir, Auban. Acompanhe-me até a ponte, se não for fora do seu caminho.”

Eles deixaram o quarto, e a casa, sem que ninguém os procurasse. Eles caminharam silenciosamente até a London Bridge.

Mas, enquanto cruzavam a ponte, a raiva reprimida do exilado irrompeu.

“Eu dei tudo que eu tinha pela causa: toda a minha juventude e metade da minha vida. Depois de tirarem tudo de mim, me deixaram sem nada, nem mesmo a crença em mim mesmo.”

“Ainda há metade da sua vida na qual você pode reconquistar a crença em si mesmo, a única crença que não decepciona.”

Mas o outro balançou a cabeça.

“Olhe para mim, eu não sou mais o que eu era. Eu desafiei todas as perseguições, fome, ódio, aprisionamento, morte; mas ser afugentado como um cachorro louco por aqueles que eu amava mais do que a mim mesmo é mais do que eu posso suportar. Ah, eu estou tão cansado! – tão cansado! – tão cansado!...”

Ele entrou em um dos lugares de descanso da ponte, e se jogou em um banco, enquanto o fluxo humano se apressava. Auban se sentou ao lado dele. O tom com o qual aquele homem desafortunado repetiu suas últimas palavras o agitou de novo e mais profundamente.

E enquanto a vida grandiosa era varrida por debaixo da ponte, ele falava com outro para que ele tivesse tempo de se recompor de suas próprias experiências tristes e lições, e de perceber como sua força, mesmo assim, ficou inabalada, e sua coragem intrépida, desde que ele se encontrasse novamente e, sobre seus próprios pés, agindo e deixando-se agradar, independente de qualquer partido, de qualquer grupelho, de qualquer escola, não permitindo que mais ninguém interferisse em sua própria vida.

Mas o outro se sentou indiferentemente e balançou a cabeça.

De repente, ele se ergueu, agarrou sua bagagem, apontou para o caos de navios e murmurou algumas palavras incompreensíveis.

Então, antes que Auban pudesse respondê-lo, ele o abraçou impetuosamente e, de forma apressada, faz um sinal com as mãos de que não desejava mais ser acompanhado...

Auban o procurou por muito tempo.

Sacrifício sobre sacrifício, e tudo em vão, ele pensou. Por um longo tempo ele viu em sua frente o rosto envelhecido e o cabelo grisalho do homem perseguido – um viajante sem descanso – que enfrentava um mundo estranho, sem forças e sem coragem para continuar a vida que o tinha iludido.

A noite começou.

O sol se pôs.

Dois imensos fluxos humanos surgiram atravessando a London Bridge, para trás e para frente. Barulhentas, ressoavam duas filas contínuas de veículos.

As águas negras do Tamisa fluíam preguiçosas.

Auban permaneceu em pé, contra as grades da ponte, e encarando o oeste, contemplou a grande fotografia que se apresentava para ele. Em todos os lugares, de ambos os lados do rio, torres, pilares, chaminés, campanários cor-de-rosa acima do mar de casas... mais abaixo dele, uma

floresta de mastros, postes, velas... À esquerda, Billingsgate, o melhor e mais famoso mercado de peixes de Londres... Longe, onde as quatro torres se elevam, a escura e sombria estrutura da Torre. Com um brilho intenso e avermelhado, o pôr do sol, o pálido, cansado sol de Londres, deita-se em poucos minutos. Então, também as suas luzes, de repente, se extinguíam, e o crepúsculo cinza desenhava suas riscas ao redor da massa escura dos armazéns, dos corpos gigantes dos navios, dos pilares da ponte...

Pela hora indicada na Adelaide Buildings, já eram sete, mas a tarefa de descarregar o grande navio, aos pés de Auban, ainda não havia terminado. Longas filas de homens fortes carregando caixas e fardos pela vacilante ponte de madeira até a costa. Suas testas, cabeças e pescoços protegidos da pressão esmagadora das cargas pesadas por almofadas de formatos estranhos. Eles pareciam bois na boiada quando cambaleavam sob seus pesos...

Uma sensação estranha se apoderou de Auban. Tal era Londres, imensa Londres, que cobre sete mil milhas com seus cinco milhões de seres humanos; tal era Londres, onde um homem nasce a cada quinze minutos, onde um morre a cada oito... tal era Londres, que cresceu e cresceu, e, já imensurável, parecia aspirar ao infinito...

Cidade imensa! Impenetrável, ela se esticou pelos dois lados do rio, e as nuvens de fumaça, vapor, ruído arrotado, jaziam como veias pelo seu corpo pintado...

Luzes atrás de luzes começaram a piscar e a misturar o calor de seu brilho com a úmida neblina. Seus reflexos avermelhados tremiam em meio ao crepúsculo.

London Bridge trovejou e ressoou de baixo das cargas que a carregam.

Assim, dia após dia, semana após semana, ano após ano, enraivecia-se aquela vida potente que nunca se cansou. As batidas do seu coração cresciam cada vez mais febris, os movimentos de seus braços cada vez mais poderosos, os planos de seu cérebro cada vez mais ousados.

Quando chegaria ao topo de suas aspirações? Quando descansaria?

Era imortal?

Ou também era ameaçado pela destruição?

Londres, até mesmo você não é imortal... Você é demais. Mas o tempo é maior.

Ficou mais e mais escuro.

Então, ele virou para o norte, e enquanto caminhava com seus passos pesados e longos, apoiado em sua bengala, muitos transeuntes olhavam a forma alta, magra e orgulhosa em torno da qual balançava seu sobretudo desabotoado.

E enquanto Auban cruzava rua após rua, e se aproximava mais e mais de sua casa, ele havia vencido a agitação das últimas horas e, uma vez mais, as asas de seus pensamentos circulavam inquietas ao redor da almejada luz da liberdade.

O que ainda descansava no útero do tempo como um gérmen frutificado, como isso se desenvolveria e qual forma teria?

De uma coisa ele estava certo.

Isso era para acontecer sem dor, esse nascimento de um novo mundo, se fosse para viver.

A questão social era uma questão econômica.

Assim, e de nenhuma outra forma, poderia ser resolvida: com o declínio do Estado de autoridade, o indivíduo se torna cada vez mais autoconfiante. Escapando das andadeiras do paternalismo, ele adquire independência de seus próprios desejos e ações. Clamando pelo direito de autodeterminação sem restrições, seus primeiros objetivos anulam e esvaziam todos os privilégios do passado. Nada sobrou deles, além de uma enorme pilha de papéis apodrecidos. A terra deixada vazia e não mais reconhecida como propriedade daqueles que não vivem nela, que a utilizam por meio de ocupantes subsequentes. Até então inculta, ela agora nutre frutas e grãos, e sustenta pessoas livres, abundantemente.

O capital, incapaz de continuar a engordar com o suor do trabalho dos outros, é obrigado a se consumir: ainda que continue a sustentar o pai e o filho sem obrigá-los a se entregarem, o neto já é confrontado pela alternativa à fome ou à desgraça da “glória de seus pais”, trabalhando. Para o desaparecimento de todos os privilégios de herança no indivíduo, o dever da responsabilidade. Será essa uma carga mais pesada do que os mil deveres em relação aos outros com os quais o Estado selou seus cidadãos, a Igreja os seus membros, e a moralidade os corretos?

Havia apenas uma solução para a questão social: não mais manter as pessoas em mútua dependência, abrir os caminhos da independência para si e para os outros; não mais fazer a ridícula afirmação do forte, “Torne-se fraco!”, e exortar os fracos, “Torne-se forte!”; não mais acreditar na ajuda “de cima”, mas contar com o empenho próprio de cada um.

O século XIX depôs o “nosso Pai do Céu.” Ele não acredita mais em um poder divino ao qual é sujeitado.

Mas apenas as crianças do século XX poderão ser realmente ateias: duvidosas da onipotência divina, elas têm que começar a testar a justificativa de toda a autoridade humana a partir de sua implacável crítica de suas razões.

Elas seriam imbuídas pela consciência de suas próprias dignidades. Em vez de perseguir seu orgulho, como acontece até hoje na sujeição, na humildade, na devoção; elas considerariam comando como presunção, obediência como sacrifício, e cada uma delas como a desonra que o homem livre despreza...

A raça, aleijada em uniformes, pode requerer um longo tempo para recuperar seu crescimento natural e a postura de orgulho.

Auban não era um sonhador. Ao desenvolver as demandas da liberdade, ele não pedia por tempo, as realizava imediatamente. A maior mudança dos órgãos sociais provavelmente exigiria séculos até atingir uma condição normal de oportunidades iguais para todos.

O desenvolvimento para a liberdade duraria mais tempo de acordo com quão mais poderosa e triunfante se tornasse a grande corrente de oposição à autoridade.

Em qualquer lugar, a violência poderia retardar a causa pacífica do desenvolvimento. Seria inevitável. Ódio, cegueira, falta de confiança, eram intensos demais em ambos os lados, a ponto de fazer colisões impossíveis, como aquelas que fariam a Terra tremer no terror.

A natureza das coisas deve ter seu curso.

A lógica dos eventos neutralizou o desejo pelo impossível.

Os tolos sempre devem pagar seus impostos para passar por um evento, antes que ele emerja.

O Socialismo foi a última estupidez geral da humanidade. A última estação do sofrimento que deve ser passada rumo à liberdade.

Somente então o Deus da ilusão poderia ser pregado na cruz.

Somente então toda fé caiu estrangulada no chão, e não emprestou mais asas a qualquer esperança para subir aos céus, somente então veio o tempo para o real “paraíso na Terra”: o reino da alegria, do prazer e da vida exuberante, que era a liberdade...

Mas a liberdade também tem um poderoso aliado: as desavenças no campo de seus inimigos.

Divisões em todos os lugares, desassossego em todos os lugares, medo em todos os lugares, em todos os lugares o clamor por mais autoridade! Autoridade, autoridade! – era para curar todos os demônios. E os exércitos brotaram da Terra, as nações se armaram até os dentes, e o medo de um futuro sangrento assombrou o sono daqueles cujos olhos podem ver¹².

Os governantes não sabiam mais o que fazer. Como aquele general da Antiguidade que ordenou que o mar fosse açoitado. O mar inundou o deque com suas ondas e ameaçou afogar todos a bordo.

¹² No texto original, o autor usa a expressão “the eyes of the seeing”, uma possível referência à passagem bíblica Isaias, 32 (N.T.).

Guerras com rios de sangue nas quais os donos do poder poderiam tentar extinguir as chamas da revolta popular, que eram inevitáveis, guerras tais que o mundo nunca havia visto...

Crime e injustiça foram amontoados alto demais, e a vingança seria terrível!

Então, depois do caos das revoluções e das matanças das batalhas, quando a Terra desolada desmoronou junto, de exaustão; quando a mais amarga experiência destruiu a fé restante na autoridade, então, talvez, se poderia compreender quem eles eram e o que eles queriam. Eles, os solitários que, em meio à confusão, acreditavam na liberdade, calma e serena, a qual eles chamaram pelo nome: Anarquia!...

Como ela surgiu e rugiu, isso é Londres! Como o seu pulso bate cada vez mais forte com o aproximar da noite! O que significaram aquelas vozes multiplicadas por mil?

Auban foi cada vez mais longe, até chegar a sua casa.

Agora ele estava novamente no silêncio afastado de seu quarto que tinha deixado apenas por algumas horas.

O fogo ainda incandescia na lareira.

Antes de retornar ao seu trabalho, pegou uma cadeira e se sentou por um curto período, com suas mãos esticadas em direção ao calor, curvado para frente, olhando para o brilho.

Um enorme, quase irresistível prazer, do tipo que ele nunca havia sentido, o preencheu.

As paredes de seu quarto, a neblina de Londres, o escuro da noite, tudo desapareceu diante da cena que ele viu:

Uma longa noite passou.

Lentamente, o sol nascia sobre o topo das casas a dormir e dos campos de repouso.

Um viajante solitário atravessava a vastidão.

O orvalho da noite ainda treme sobre as gramíneas na beira da

estrada. Na floresta da encosta as primeiras vozes dos pássaros eram ouvidas. Acima do cume das montanhas planava a primeira águia.

O viajante caminha só. Mas ele não se sente sozinho. O frescor puro da natureza se comunica com ele.

Ele sente: é a manhã de um novo dia.

Então ele encontra com outro viajante. E outro. E eles se entendem pelo olhar, quando passam um pelo outro.

A luz aumenta mais e mais.

E o andarilho da manhã abre seus braços e o saúda com seu liberador grito de prazer...

Assim era Auban.

O andarilho da manhã no irromper de um novo dia.

Depois de uma longa noite de erros e ilusões, ele caminhou por uma manhã de luz.

O sol da verdade se levantou para ele, e subiu mais e mais.

Eras tiveram que passar antes que a ideia da Anarquia pudesse surgir.

Todas as formas de escravidão teriam que ser ultrapassadas. O povo teve que cambalear em todas as suas buscas pela liberdade, que encontraram o mesmo despotismo em formas diferentes.

Agora, a verdade foi encontrada para condenar todas as formas que estavam em vigor. A autoridade começou a se render.

A perseguição selvagem estava se aproximando de seu fim.

Mas ainda era necessário batalhar, batalhar, batalhar – não para se cansar, e nunca para se desesperar!

A questão não era um dos objetivos transitórios. A alegria da liberdade que estava para ser conquistada era imperecível.

Como o viajante era Auban.

E como o andarilho da manhã, ele também abriu seus braços e saudou o futuro com um grito de prazer, e o chamou pelo nome imortal: Anarquia!...

Então ele retornou ao seu trabalho.

Sobre seus traços magros e rígidos repousou um calmo, generoso e confiante sorriso.

Era o sorriso da invencibilidade.

Tradução do inglês por Flávia Lucchesi e Thiago Rodrigues.